

SEPHARIAL

**ASTROLOGIA –
COMO FAZER
E INTERPRETAR
O SEU HORÓSCOPO**

SEPHARIAL

**ASTROLOGIA –
COMO FAZER
E INTERPRETAR
O SEU HORÓSCOPO**

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Prefácio à Edição Revista e Aumentada

Desde a publicação deste pequeno manual de astrologia prática, a atenção dada ao tema expandiu-se de tal modo que gerou uma procura crescente por uma obra concisa desta natureza, concebida para uso inicial por parte dos estudantes e oferecida a um preço acessível a todos. Julga-se que a revisão e expansão da presente obra a tornarão ainda mais popular do que até agora junto dos principiantes.

As utilizações práticas da astrologia são cada vez mais reconhecidas e apreciadas, e, ainda que alguns dos mais importantes e recentes desenvolvimentos da astrologia na sua relação com os problemas do quotidiano tenham necessariamente sido omitidos destas páginas, é de esperar que o muito que aqui é apresentado de uma ciência obscura e recôndita permita ao estudante progredir na matéria com crescentes confiança e satisfação, e facilmente descobrirá por si, sem qualquer indicação especial da minha parte, que a astrologia é essencial e definitivamente um estudo prático e útil.

Existem, claro, muitos aspetos desta fascinante matéria que não têm lugar nesta pequena obra, que aborda exclusivamente a astrologia genética, ou doutrina das

natividades. Ainda assim, a ser verdade, como julgo que é, que «o verdadeiro estudo da humanidade é o Homem», então estamos certos ao escolher esta fase da ciência astrológica como aquela a que o estudante se deve dedicar primeiro.

Quando tivermos alcançado totalmente um entendimento da natureza complexa do carácter humano e das causas essenciais da diversidade de expressão, quando tivermos visto por nós mesmos como a cúpula multi-color da Vida nos abrange neste mundo sublunar com a sua caleidoscópica interação de forças, estaremos, em certa medida, melhor preparados não só para lidar com o carácter tal como o vemos, mas também para direcionar as forças da mente humana através de canais que conduzam à preservação da nossa economia social, sem recurso a quaisquer medidas restritivas ou a uma repressão nociva das paixões e poderes naturais, mas pela sua conversão em formas conservativas e úteis.

Dedicar-se à especialização das capacidades intrínsecas, encontrar a linha de menor resistência e descobrir a medida da sua própria alma no universo, bem como o limite a que a ambição pode seguramente aspirar, são aspetos que é necessário saber e que a astrologia esclarece logo nas primeiras etapas do nosso estudo.

Além das verdades científicas a que a ciência da influência planetária nos conduz, existem outras verdades, não menos importantes e fascinantes, de natureza puramente filosófica para as quais impele inevitavelmente a mente e que não podem deixar de exercer uma influência tremenda no moldar do nosso pensamento relativamente ao propósito da vida. Coloca o estudante ponderado numa posição

completamente nova relativamente a muitos dos problemas mais profundos da existência, e é certamente verdade que, para os recém-chegados ao seu estudo, a astrologia é uma revelação, uma iluminação e uma convicção da qual não existe escapatória possível ou desejável.

Sepharial

Introdução

Desde os primórdios da história mundial que o tema da astrologia despertou o interesse e exerceu uma grande influência sobre as mentes de uma certa ordem de pensadores. Nunca foi uma ciência de aceitação universal, embora seja seguro dizer que, com os seus inúmeros adeptos no Oriente e o seu crescente número de defensores no Ocidente, não existe fé que tenha uma aplicação mais universal do que a crença na influência dos corpos celestes sobre os destinos dos seres humanos. Não é possível, nos limites de um pequeno manual como este, abordar adequadamente o paradoxo filosófico que faz do Livre Arbítrio do homem uma «necessidade em ação»; mas é óbvio que o conceito não é de todo anticientífico, uma vez que é costume falar-se no «caminho de vibração livre» dos átomos químicos, sendo ao mesmo tempo sabido que estes átomos têm características restritas, modos de movimento, etc., e estão todos sujeitos às leis gerais que controlam os corpos de que são parte integrante. Basta pensar que, se conseguimos traçar uma ligação efetiva entre a disposição dos corpos celestes no momento de um nascimento e a vida e o carácter conhecidos do indivíduo então nascido, e uma correspondência exata entre o rumo dos acontecimentos

nessa vida e as mudanças ocorridas nos céus posteriormente ao momento do nascimento, então faríamos bem em aceitar o facto pelo que vale e em organizar as nossas noções filosóficas nesse sentido.

Já em 2154 a.C. encontramos referências à grande importância atribuída aos fenómenos celestes nas mentes dos monarcas chineses. Está registado na História Clássica da China que, nessa altura, os astrólogos Hi e Ho negligenciaram os seus deveres, pelo que quando, no dia 10 de outubro, houve um grande eclipse solar em Pequim, entre as sete e as nove da manhã, as pessoas não estavam de todo preparadas para ele, «correndo de um lado para o outro com a máxima consternação». Por esta ofensa, Hi e Ho foram destituídos dos seus cargos, viram o seu património ser-lhes confiscado e foram expulsos do reino.

Entre os hindus, temos os autores clássicos Garga, Parashara e Mihira, juntamente com as suas legiões de comentadores.

Os registos assírios estão repletos de alusões astrológicas relativas à influência das conjunções planetárias e das posições estelares.

A mitologia grega não passa de um vasto sistema de astrologia cosmográfica e não existe nela outra história além do que pode ler nas constelações dos céus e na correspondente evolução da raça humana. Aristóteles fez dela parte da sua filosofia. Hiparco, Hipócrates, Tales, Galeno e outros professaram uma crença inteligente nos seus princípios. É, porém, a Cláudio Ptolomeu que devemos a primeira demonstração concisa e científica dos seus princípios e prática, no que à Europa diz respeito. Escreveu o *Tetrabiblos*, ou Quatro Livros, e lançou as bases de uma

verdadeira ciência astrológica. Júlio Fírmico confirmou Ptolomeu e expandiu as suas observações.

A posterior descoberta dos planetas Úrano e Neptuno por Herschel e Adams ampliou o campo de investigação e deu aos astrólogos posteriores a pista para muito que até então era entendido de forma imperfeita. Estas descobertas não subverteram todo o sistema da astrologia, como houve quem imaginasse e insensatamente afirmasse, nem negaram as conclusões extraídas dos efeitos observados dos sete corpos anteriormente conhecidos do sistema solar, mas tornou-se possível, após um período de tempo, preencher os espaços em branco e explicar certos acontecimentos que não tinham sido associados à ação de nenhum dos planetas já conhecidos. A descoberta do árgon não destruiu as nossas conclusões relativamente à natureza e às características do oxigénio, do hidrogénio ou do nitrogénio, nem deu um significado totalmente novo à palavra «atmosfera». Mesmo que fossem descobertos sete novos planetas, não haveria um único parágrafo deste livro a necessitar de revisão. O que é sabido acerca da ação planetária na vida humana é sabido com grande certeza, e os efeitos de um planeta jamais podem ser confundidos com os de outro. Por mais incompleta que tenha necessariamente de ser, é uma verdadeira ciência, tanto nos seus princípios como na prática. Reivindica um lugar entre as ciências pela simples razão de ser passível de demonstração matemática e de lidar apenas com as posições e os movimentos observados dos corpos celestes; e o ser humano que defende os princípios de Newton, a solidariedade do sistema solar, a interação dos corpos planetários e os seus consequentes efeitos eletrostáticos sobre a Terra, não

pode, estando sujeito ao ar que respira, negar os princípios basilares da astrologia. A aplicação destes princípios aos factos da vida quotidiana é apenas uma questão de longa pesquisa e classificação numa escala elaborada que perdura há milhares de anos em todas as partes do mundo, pelo que a única coisa que o leitor tem de fazer é criar o seu próprio horóscopo e submeter a ciência ao teste do verdadeiro ou falso.

O presente autor encontra-se em posição de saber que o estudo da astrologia nos dias de hoje é tão sincero como generalizado, mas poucos têm interesse em dar a conhecer os seus estudos, pois, como disse recentemente o professor F. Max Müller: «É tão grande a ignorância que confunde uma ciência que exige a máxima educação com a do vulgar adivinho». Aquilo em que o grande Kepler se viu obrigado «pela sua infalível experiência do curso dos acontecimentos em harmonia com as mudanças verificadas nos céus» a assumir «uma crença involuntária», a ciência praticada e defendida por Tycho Brahe ante todos os ataques da fortuna e das opiniões adversas, a arte que captou a atenção do jovem Newton e o levou a refletir sobre os problemas da força e da matéria, que fascinou as mentes de homens como Francis Bacon, o arcebispo Usher, Haley, Sir George Witchell, Flamstead e uma legião de outros, é a disciplina favorita de milhares de mentes inteligentes e promete tornar-se objeto de investigação popular.

Crê-se que a presente obra será de considerável auxílio para aqueles que ponderam seriamente realizar um estudo inicial da ciência da horoscopia e, embora não esgote de modo algum o que se sabe sobre a matéria, revelar-se-á como precisa e fiável no seu âmbito, permitindo

a qualquer pessoa de inteligência comum testar por si mesma as pretensões da astrologia. É tudo quanto se pode esperar nos limites de um pequeno manual. A literatura sobre o tema é considerável, e o presente autor só assume méritos próprios na medida em que as suas vastas experiência e prática lhe permitiram apresentar o objeto de estudo de forma simples e breve.

Índice

PRIMEIRA PARTE – O ALFABETO DOS CÉUS	19
<i>Um.</i> Os planetas, suas naturezas e tipos	21
<i>Dois.</i> Os signos do zodíaco	28
<i>Três.</i> As casas celestiais	33
<i>Quatro.</i> Os aspetos astronómicos	35
 SEGUNDA PARTE – A CONSTRUÇÃO	
DE UM HORÓSCOPO	39
<i>Um.</i> O <i>Ephemeris</i> e suas utilizações	41
<i>Dois.</i> Construir uma imagem dos céus	43
<i>Três.</i> As tabelas das casas	47
<i>Quatro.</i> Trânsitos planetários	56
 TERCEIRA PARTE – COMO LER O HORÓSCOPO	61
<i>Um.</i> Os planetas nas casas	63
<i>Dois.</i> A constituição	66
<i>Três.</i> Saúde e doença	69
<i>Quatro.</i> Como ler o carácter e a disposição	72
<i>Cinco.</i> Perspetivas financeiras	77
<i>Seis.</i> Posição na vida	83

<i>Sete.</i> Escolha de ocupação	86
<i>Oito.</i> Circunstâncias do casamento	90
<i>Nove.</i> Indicações de progénie	95
<i>Dez.</i> Viagens e jornadas	98
<i>Onze.</i> Amigos e inimigos	102
<i>Doze.</i> O fim da vida	106

QUARTA PARTE – AS ESTRELAS

NOS SEUS CURSOS	109
<i>Um.</i> A medida do tempo	111
<i>Dois.</i> Os efeitos dos trânsitos	118
<i>Três.</i> Como resumir um horóscopo	122
<i>Quatro.</i> Como se tornar um astrólogo de sucesso	125
<i>Cinco.</i> Um exemplo popular	132
<i>Seis.</i> Períodos planetários, etc.	145
<i>Sete.</i> Revoluções, eclipses, ingressos, etc.	156

Primeira Parte

**O ALFABETO
DOS CÉUS**

Capítulo Um

OS PLANETAS, SUAS NATUREZAS E TIPOS

Os astros e planetas são conhecidos pelos astrónomos sob os seguintes nomes e símbolos:

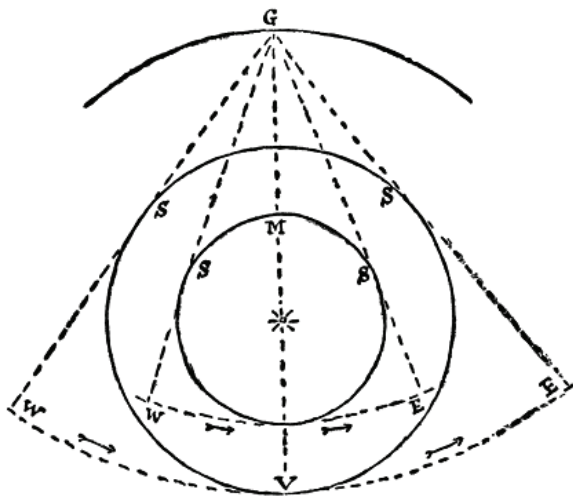
Sol ☉, Lua ☾, Neptuno ♆, Úrano ♅, Saturno ♄, Júpiter ♃, Marte ♂, Vénus ♀ e Mercúrio ☿.

Neptuno gira à volta do Sol na sua órbita distante uma vez a cada cerca de 165 anos. Úrano completa a sua revolução orbital em 84 anos, Júpiter em 12 anos, Marte em cerca de 15 meses, Vénus em 11 meses e Mercúrio em 18 semanas. Se imaginar estes corpos a girar num plano à volta do Sol, e a si mesmo dentro do Sol, os movimentos destes corpos parecer-lhe-ão quase uniformes e sempre na mesma direção. Se as órbitas dos planetas fossem circulares e o Sol ocupasse o centro do círculo, os seus movimentos seriam constantes, ou seja, sempre na mesma direção e ao mesmo ritmo. Mas as órbitas são elípticas, e o Sol ocupa posição num dos focos de cada elipse. Consequentemente, os planetas encontram-se por vezes mais longe do Sol do que noutras, e diz-se que estão então no seu afélio, sendo o ponto oposto da órbita, quando estão mais perto do Sol, chamado de periélio. Quando estão no afélio, os planetas movem-se mais lentamente, e quando estão no periélio,

movem-se mais rapidamente do que na distância média. Os astrónomos utilizam uma órbita circular imaginária para os planetas, em que estes se movem a um ritmo de velocidade uniforme, que é chamado movimento médio. Este é sujeito a uma equação, dependendo da posição do planeta na sua órbita, que determina a diferença entre o planeta imaginário e o verdadeiro planeta. A equação em si depende da excentricidade da órbita, ou seja, da sua relação com um círculo traçado em torno do mesmo ponto focal. A Terra segue as mesmas leis que todos os outros corpos do mesmo sistema.

Mas se imaginarmos a Terra como estando parada no espaço, e como centro em torno do qual os planetas giram, os seus movimentos apresentam várias irregularidades. Mercúrio e Vénus parecerão girar à volta do Sol enquanto o Sol gira em torno da Terra, situando-se por vezes entre a Terra e o Sol, o que é designado de conjunção inferior; outras vezes do lado mais afastado do Sol, longe da Terra, como na sua conjunção superior; e ainda, noutros momentos, à direita ou à esquerda do Sol, nas suas elongações leste ou oeste. Os outros planetas, tendo órbitas superiores às da Terra, parecerão girar à volta dela a distâncias e velocidades de variação constante. Em certos pontos das suas órbitas, parecerão manter-se estáticos na mesma parte do Zodíaco. A ilustração anexa ajudará, talvez, os leitores pouco informados. O corpo M é Mercúrio quando em conjunção inferior com o Sol, tal como é visto da Terra. A letra V é o planeta Vénus em conjunção superior com o Sol. Os pontos W e E são os pontos de máxima elongação oeste e leste, e a letra S mostra os pontos da órbita em que esses corpos parecem estar estáticos quando vistos

da Terra, em G. A partir da Terra, Vénus pareceria estar direto e Mercúrio retrógrado.



Astrologicamente, vemos a Terra como o sujeito passivo das influências planetárias e temos, portanto, de a considerar como o centro do campo de atividade. Se estivéssemos a construir um horóscopo para um habitante do planeta Marte, deveríamos fazer de Marte o centro do sistema. As posições dos planetas são obtidas a partir do centro da Terra (geocêntricas) e não do centro do Sol (heliocêntricas). Para este fim, utiliza-se um *Ephemeris* astrológico dos movimentos dos planetas (ver Segunda Parte, capítulo Um).

Conhecendo as simples naturezas dos vários planetas, conseguimos chegar a uma estimativa dos seus efeitos quando atuam em combinação.

Neptuno atua sobre a mente humana para produzir um temperamento nervoso e suscetível, muitas vezes

aliado à insanidade ou ao gênio; neurose, afasia, etc. Gera complicações nos negócios e um estado de confusão em geral. Predispõe à fraude, à duplicidade e a ações irresponsáveis. No corpo, causa desperdício de tecido e um hábito consumptivo.

Úrano confere uma mente excêntrica; obstinação, originalidade e inventividade. Nas questões profissionais, produz súbitos e inesperados desenvolvimentos, irregularidades, rápidas ascensões e quedas, instabilidade, rasgos inesperados de boa e má sorte. No corpo, está relacionado com o sistema nervoso, e as suas doenças são de paralisia, lesões e distúrbios nervosos.

Saturno gera uma mente criteriosa, sóbria, ponderada; firmeza, paciência e perseverança; inclinação para a rotina e para o hábito, para o método. Nos assuntos financeiros, oferece resultados estáveis proporcionais ao trabalho, um êxito lento, mas seguro, confinamentos, dificuldades, privações. No corpo, está relacionado com o sistema ósseo, e os seus efeitos são provocados através de obstruções, calafrios e inibição de funções.

Júpiter concede jovialidade, otimismo, abundância, generosidade, uma mente rica e frutífera. Torna o sujeito afortunado nos seus assuntos, dando-lhe sucesso e, muitas vezes, opulência. Com este planeta forte no horóscopo, uma pessoa nunca se «afunda». No corpo, está relacionado com os processos arteriais, e as suas doenças são as que resultam da indigestão, da congestão e da pletora.

Marte dá uma sensação de liberdade, muita ambição e capacidade executiva, franqueza, autenticidade e desprezo pelas consequências. Torna a mente vigorosa e militante, e estimula novos projetos e empreendimentos. No corpo,

está relacionado com o sistema muscular. As suas doenças são as que resultam da ação inflamatória nos tecidos.

Vénus confere poesia, bom gosto, sentimentos nobres, poderes artísticos, gentileza, docilidade, frivolidade e amor pelo prazer. Torna as coisas agradáveis e prósperas, gerando proveitos tanto das atividades artísticas como das rústicas. A seguir a *Júpiter*, é o planeta mais benéfico na sua ação sobre a humanidade. No corpo, está relacionado com o sistema venoso, e as suas doenças são as que resultam de impurezas no sangue, doenças escorbúticas e zimóticas, eczema, varíola, sarampo, etc.

Mercúrio torna os seus súbditos ativos, versáteis, competentes e profissionais, propícios a um grande comércio, seja da mente ou do mercado, e ávidos na busca do conhecimento; atentos e informados. A sua influência nos assuntos da vida é variável, pois traduz sempre a natureza do planeta em cujo aspeto mais próximo se encontra à nascença (Primeira Parte, capítulo Quatro). No corpo, está relacionado com o sensorio, com os centros de sensação, e controla de forma reflexa os nervos de ação.

A *Lua* dá graciosidade aos modos e suavidade ao discurso, uma natureza doce e adaptável, variabilidade, amor pela mudança, pelo romance e pela aventura; tendência para a exploração e para viajar. No corpo, corresponde ao sistema glandular, e as suas doenças são as relacionadas com os gânglios linfáticos e o tecido vascular.

O *Sol* torna os seus súbditos magnânimos, nobres, orgulhosos, desprezando todas as ações más e sórdidas; leais, verdadeiros e destemidos. Produz honras e o favor de dignitários, e torna o sujeito afortunado no controlo dos seus assuntos. No corpo, controla o princípio vital.

Os tipos de pessoa produzidos pelos vários planetas são muito diferentes, sendo as principais características de cada um as seguintes:

Neptuno – Pessoas magras e nervosas, olhos azuis, cabelo suave e sedoso, rostos magros e geralmente longos, frequentemente com uma expressão tensa ou sobressaltada.

Úrano – Figuras altas, secas e enérgicas, atentas, musculadas, espasmódicas e com um toque de excentricidade.

Saturno – Pessoas morenas e enxutas, olhos pequenos e encovados, sobrancelhas fortes, narizes longos, lábios finos e tez macilenta.

Júpiter – Indivíduos encorpados e robustos, grandes e expressivos olhos azuis ou castanhos, sobrancelhas arqueadas, testas altas, rostos ovais e ricos cabelos castanhos.

Marte – Corpos fortes, musculados e atléticos, tez rosada, olhos cinzentos, sobrancelhas salientes, testa inclinada e geralmente alguma marca ou cicatriz no rosto.

Sol – Compleição fresca e clara, olhos azuis ou cinzentos, cabeça redonda, ombros largos, maxilares fortes, porte reto e digno.

Vénus – Pessoas elegantes, bem cuidadas e, muitas vezes, de aspeto delicado, com olhos azuis ou acastanhados, bons dentes e unhas, pés pequenos e mãos curtas e carnudas.

Mercúrio – Corpos magros, altos e ativos, aspeto atento, olhos pequenos e geralmente negros, lábios grandes e finos, braços longos e mãos esguias. São frequentemente grandes conversadores e caminham rapidamente.

Lua – Pessoas bastante baixas e gorduchas, de rosto pálido, olhos límpidos e suaves, cabelo castanho-escuro ou médio, bons dentes, peito amplo e tendência para um corpo atarracado e corpulento. A testa é geralmente alta e ampla.

Observe as pessoas à medida que passam por si na rua. Se possível, classifique-as em algum destes tipos.

Considere o que foi dito sobre a natureza dos planetas e terá uma chave pronta para algo do seu carácter e do seu destino.